

# CINEMA A BEIRA DO VELHO CHICO



Entre 1975 e 1982 aconteceu em Penedo o Festival do Cinema Brasileiro, capaz de transformar a pacata cidade em polo cinematográfico

LARISSA BASTOS  
REPÓRTER

A chegada do ano novo anuncia estar próxima a hora de uma das festas mais importantes da cidade. Dali a alguns dias, uma verdadeira multidão sairá pelas ruas de pedra, detentoras de histórias de guerra e fé. Barquinhos coloridos do Velho Chico, a alma do lugar – hoje não mais o mesmo povoado fundado por Duarte Coelho de Albuquerque –, carregando a imagem do protetor dos pescadores e do povo ribeirinho. Cânticos e louvores deixarão o ar carregado da religiosidade que marca Penedo.

Tem sido assim desde 1884, há 131 anos, desde quando foi realizada a primeira Festa de Bom Jesus dos Navegantes tendo o Rio São Francisco como testemunha. Durante um curto período de tempo, porém, esses dias eram abrilhantados ainda por outro burburinho na região. Não com o fervor da devoção, mas com o glamour que poucas coisas são mais eficazes em proporcionar a sétima arte.

Entre 1975 e 1982, acontecia ali o Festival do Cinema Brasileiro, capaz de transformar a pacata Penedo, dona então de uma única sala de retroprojeção, em polo cinematográfico, com a presença de artistas, realizadores, produtores. A população local – hoje cerca de 60 mil pessoas, segundo o IBGE – praticamente dobrava. Gente vinda de todos os cantos para conhecer e

compartilhar a magia das telonas.

Por oito anos, a iniciativa foi realizada sempre na primeira quinzena do primeiro mês do ano, no Cine São Francisco, cujas instalações “vieram a estabelecer um novo padrão de conforto para as populações da progressista região”, como conta a revista Philo Cidade em 1959. Ao longo de três ou quatro dias, o encontro exibiu não só as projeções selecionadas, mas reservava espaço para exposições, shows, apresentações folclóricas.

A cidade fervia. Entrava realmente em festa. Era como se a chegada de um novo ano trouxesse consigo um novo brilho. Hoje, porém, os históricos casarios acompanham apenas a procissão da imagem de Cristo – mantida religiosamente pelos janeiros. Do Festival do Cinema Brasileiro, restaram apenas as vagas lembranças. A iniciativa se extinguiu, o Cine São Francisco fechou e a sétima arte abandonou aquele lugar.

Isso pelo menos até 2010. Há cinco anos, uma sementinha inventou de reacender a vocação do povoado de Duarte Coelho para a cinematografia. Mesmo com um formato diferente do original, o fato é que, desde então, vem se reavivando na região, mesmo que a passos lentos, o clima vivido nas décadas de 1970 e 1980. Tudo graças ao Festival de Cinema Universitário, que chega agora à quinta edição.

Trazendo películas de



SÉRGIO ONOFRE  
COORDENADOR-GERAL

**“O fato de um filme conseguir chegar, como os quatro alagoanos, já é uma premiação, porque passaram por uma fase seletiva para isso. Eles entraram e outros não conseguiram, não porque não fossem bons, mas porque chega uma hora que a comissão tem que fazer uma opção para definir aqueles que vão caber dentro da grade”.**

universidades brasileiras e de nomes nacionais, o evento se realiza de 3 a 7 de novembro, tendo como atração principal a Mostra Competitiva, que exibirá curtas-metragens pincados por uma Comissão de Seleção – grupo formado por Guilherme Sarmiento, professor de cinema da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Ramon Coutinho, representante do Coletivo Urgente de Audiovisual; e Carolini Assis, jornalista e especialista em roteiros para TV e vídeo.

Ao todo, 55 produções se inscreveram para o evento, mas apenas 24, vindas de todos as regiões do País, serão exibidas ao público – quatro delas são alagoanas e outra, apesar de rodada em Pernambuco, conta a história do antigo Alagoinha (confira na página B2). Todas concorrerão aos troféus Canoa de Tolda nas categorias Melhor Filme pelo Júri Oficial, Melhor Filme pelo Júri Popular e Prêmio Velho Chico de Cinema Alagoano.

“Temos uma comissão de seleção, que este ano foi na Bahia. Três profissionais de cinema analisaram os inscritos e selecionaram os 24”, diz Sérgio Onofre, coordenador-geral da iniciativa. “A disputa é grande. Aliás, o processo para a realização de um festival é grande. Costumo dizer que é igual às escolas de samba do Rio de Janeiro, que quando terminam um desfile já estão pensando no outro”, lembra.

Ele acrescenta que o trabalho é muito, pensado já

para se chegar ao segundo, e mais importante, momento: o da exibição. Só chegar aí, opina Sérgio, já é uma vitória. “O fato de um filme conseguir chegar, como os quatro alagoanos, já é uma premiação, porque passaram por uma fase seletiva para isso. Eles entraram e outros não conseguiram, não porque não fossem bons, mas porque chega uma hora que a comissão tem que fazer uma opção para definir aqueles que vão caber dentro da grade”.

## CINEMA PARA TODOS OS GOSTOS

Grade, aliás, que conta não só com a Mostra Competitiva. A programação é extensa e formada ainda pelas Mostras de Cinema Infantil e Velho Chico de Cinema Ambiental, que todos os anos levam estudantes da rede municipal de ensino de Penedo para as exposições no Theatro 7 de Setembro. As duas acontecem de 3 a 5 de novembro, sendo a primeira das 8h30 às 10h30 e a segunda das 14h às 16h.

Mas não acaba por aí, não. Durante os três primeiros dias do festival, acontece ainda a Mostra de Cinema Nacional, sempre a partir das 21h, com exibição de cinco produções do Coletivo Urgente de Audiovisual (Cual) da Bahia; dos curtas “Enterro de anão” e “Tomate ceveja”, seguidos de bate-papo com a atriz Cida Almeida, e do longa-metragem “Muitos homens num só”, também seguido por uma conversa com a dire-

tora Mini Kerti.

Já no dia 6, às 21h, o público confere os seis filmes da 5ª Mostra Sururu de Cinema Alagoano, realizada em 2014 – os filmes passaram pela curadoria do cineasta Rafael Barbosa. E, no dia 7, encerrando o ciclo de mostras, o Festival Universitário realiza, a partir das 14h, no 7 de Setembro, uma sessão de curtas-metragens produzidos em Caxias do Sul-RS. E todos os dias ainda contam com atrações musicais da terra.

No dia 3, Geraldo Azevedo abre o evento. No dia 4, o público poderá prestigiar o penedense Lito Di Santi e o arapiraquense Janu. No dia 5, será a vez de Sirleide Silva, melhor intérprete do 6º Festival de Música da Ufal, e do grupo Malacada. No dia 6, Kissia Barros, 3º lugar na categoria de melhor composição do Femufal, e Chau do Pife sobem ao palco. Atrito 82 e Vibrações encerram a programação musical no dia 7.

“Todas essas atividades são completamente abertas ao público. A mostra competitiva é universitária e só podem participar produtores que tenham vínculo com alguma instituição de nível superior do País. Mas realizamos ainda as outras mostras para dar espaço a vários segmentos e, na Mostra Nacional, estamos trazendo o José Araripe Júnior, que produziu um filme com Jofre Soares”, conta Sérgio.

Assunto para a próxima página. ☉  
Continua na página B2